

28/10/2022

Uma súplica

Leila Uruhay Grienzi

[Psicóloga Social. Radialista]

Amigos, colegas, conhecidos, vizinhos, parentes bolsonaristas venho de vos fazer uma súplica. Respeitem minha doença.

Minha doença começou há 6 anos. No dia em que ouvi bolsonaro, no *impeachment* da Dilma, dizer que seu voto era em homenagem ao seu emérito herói brasileiro - o torturador assassino da ditadura militar Ustra -, tive uma crise de vômitos. Eu nem era simpatizante da Dilma, mas o nojo daquele homem falou ao meu corpo, mais que à minha cabeça, com a força de uma porrada mórbida. Passei algumas semanas lembrando da voz daquele ser ignóbil vociferando seu voto e cada vez que eu lembrava vomitava. Meu médico me pediu uma série de exames: tomografia, endoscopia, ressonância magnética, exames laboratoriais etc. Não descobria nada. Eu falei com ele da relação de meus vômitos com a lembrança daquele ser sórdido e ele dizia que era coincidência. Disse para eu tirar férias, receitou-me antiácido e calmantes, dieta sem glúten e, por fim, andar de bicicleta três vezes por semana. Passei alguns meses um pouco melhor até que a minha doença apareceu em toda a sua plenitude quando aquele ser abominável se candidatou a presidente do meu pobre país. A primeira vez que eu ouvi pessoas muito estranhas, diferentes daquelas da minha relação de convívio e amizade, gritarem MITO! MITO!, eu tive que ser hospitalizada. Tomei soro durante três dias pois desidratei de tanto vomitar. No hospital, os antieméticos até me melhoravam, mas aquela palavra maldita MITO não saía da minha cabeça e eu tinha náusea. Achei que ia morrer.

Minha pressão subiu, comecei a ter dores na barriga, coisa que até então eu não tinha e quando eu falava com meu médico sobre essa ligação com o ser inominável, notei que ele me olhava com deboche. Num certo momento em que eu cochilava ouvi ele falar com uma enfermeira que eu era uma maluca idiota comunista e defendeu o ser desprezível para a enfermeira.

Era em torno de dez horas da manhã. Na mesma hora levantei do leito e disse que ia embora. Ele não sabia que eu tinha ouvido a conversa e veio tentar me convencer a ficar um pouco mais.

Eu não falei nada, arranquei o soro do meu braço e comecei a me arrumar ... foi o maior rebu no hospital. Me obrigaram a assinar um Termo de Responsabilidade para ir embora.

O “meu” médico ainda pegou meu braço quando eu ia saindo ... não falei nada e me desvencilhei daquela garra imunda bolsonarista. Um tempo depois, já na Pandemia, soube por minhas amigas que o meu ex-médico defendia a cloroquina, era contra as vacinas do Instituto Butantã e o uso de máscaras.

Inacreditável!! Ou seja, bolsonarista raiz. Depois que eu saí do hospital tirei umas férias e fui, com duas grandes amigas da época da faculdade, para um pequeno hotel distante de tudo, inclusive de notícias. Foi a minha 1ª salvação. Sempre que eu lembrava do ser abominável minhas amigas percebiam e puxavam outro assunto.

Acabávamos dando boas gargalhadas. Quando voltei, por mais que eu quisesse me desligar: o escabroso ser se elegeru. Nesse fatídico dia, tive uma crise de asma, coisa que eu tinha tido na minha longínqua infância. Lá fui eu pro hospital - nebulização, broncodilatador e remédio pra náusea e vômito -. Nunca a estupidez humana ficou tão evidente na boca daquele ser repulsivo. Voltei a piorar.

Durante a Pandemia, as coisas inacreditáveis que eu ouvia me faziam piorar. Em um ano de Pandemia perdi a conta de quantas vezes fiz testes de Covid. Chegava vomitando e com falta de ar, dor de cabeça e tome teste. Umas seis vezes cogitaram de me internar. Quando eu tomei a 3ª dose não precisei mais ir ao hospital, mas eu sentia que continuava doente. Eu preferia conversar com meus amigos, já que eu não confiava mais em médico nenhum, principalmente pelo posicionamento do Conselho Federal de Medicina durante a Pandemia, e que agora comprovou sua perversidade ao proibir a *cannabis* terapêutica.

Nos últimos meses e agora já na campanha eleitoral, continuo doente mas só tenho vômito quando vejo esse ser insolente falando. Mesmo que eu não queira, quando estou vendo algum programa de televisão e entra a propaganda eleitoral, quando não dá tempo de sair da sala ou mudar de canal ou desligar, se o ser grosseiro aparece é incrível: eu vomito. Costumo dizer que meu roteiro com essa figura grotesca em minha vida e na vida do meu país teve um passo a passo: primeiro tive raiva, depois tive ódio, depois tive vergonha e agora tenho nojo. Por isso vomito. Sinto-me fraca. Enferma e fraca.

Nem vou explicitar as razões de minha doença que entram pelos olhos e ouvidos, pois acho que é desnecessário: ofensa, preconceito, discriminação, mentiras e mais mentiras, enganação, cinismo etc... Todos sabem sobre o desmonte do país, a roubalheira camuflada, o favorecimento da ilegalidade, a associação com as armas e, finalmente, o clima que pinta com crianças...

Por isso, repito a frase. Amigos, colegas, conhecidos, vizinhos, parentes, vocês que são bolsonaristas venho de vos fazer uma súplica. Respeitem minha doença.

Se após as eleições eu voltar a ser internada, suplico que não venham me visitar. Se eu morrer suplico que não venham ao meu enterro. Espero pela minha 2ª salvação.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.